

# REPRESENTAÇÕES E IMAGINÁRIO SOCIAL SOBRE FÉLIX ARAÚJO NA PARAÍBA DA “REDEMOCRATIZAÇÃO” DE 1945

Faustino Teatino Cavalcante Neto\*<sup>1</sup>

## Resumo

Na Paraíba, assim como no resto do país, a “redemocratização” de 1945 envolveu parte dos estudantes nos movimentos contrários à ditadura varguista com aspirações às liberdades democráticas então em evidência. Neste contexto, observamos a forte militância pecebista do cabaceirense Félix Araújo em Campina Grande, que apesar desse engajamento despreendeu-se do mesmo ainda no calor da mesma “redemocratização” (1947), envolvendo-se com a situação pessedista (PSD). Pesquisando este político observamos forte tendência por parte da historiografia paraibana em “calar” o seu momento junto ao PCB, tendendo a elaborar um discurso que o situa como um militante de direita; representação essa que contribuiu para a cristalização de um determinado imaginário social na sociedade paraibana que libera o biografado de qualquer aproximação ideológica possível ao comunismo.

**Palavras-chave:** “Redemocratização”, Comunismo, Memória.

## Abstract

In the Paraíba, as well as in the remaining portion of the country, the “again democratization” of 1945 involved part of the students in the contrary movements to the varguista dictatorship with aspirations to the democratic freedoms then in evidence. In this context, we observe the strong pecebista militancy of the Cabaceiras city Félix Araújo in Campina Grande, that although this enrollment was gotten loose of the same still in the heat of the same “again democratization” (1947), becoming involved itself with the pessedista situation. Searching this politician we observe fort trend on the part of the historiography of Paraíba in “silencing” its moment next to the PCB, tending to elaborate a speech that points out it as a militant one of right; representation this that it contributed for the imaginary determined crystallization of one social one in the society of Paraíba that it liberates the biografado one of any possible ideological approach to the communism.

**Word-key:** “Redemocratização”, Communism, Memory.

## 1. Formação Intelectual e II Guerra Mundial: Aproximações ao Comunismo?

Sobre a “trajetória” de vida de Felix de Souza Araújo, Sylvestre (1985: 305) escreve que o mesmo nasceu em 22 de dezembro de 1922 no município de Cabaceiras, situado no Cariri paraibano, sendo o primeiro dos dois filhos de Francisco Virgolino de Souza e Nautília Pereira de Araújo. Ali iniciou seus estudos, cursando o antigo primário sob os cuidados da professora Maria Neulí Dourado. No entanto, encontrou na pessoa de Maria Otilia de Araújo Lima (Zina), viúva de

---

\* O autor é professor de História dos Departamentos de História e Geografia da UEPB e da UFCG e Mestre em Ciências da Sociedade pela UEPB.

um tio materno, que residia em Campina Grande, o amparo para que continuasse seus estudos nesta cidade. Passou então a ser estudante do ginásio no Colégio Diocesano Pio XI, onde logo começou a se projetar dentre os demais<sup>2</sup>.

Quando concluiu o ginásio retornou a Cabaceiras, pois em Campina não havia educandário que oferecesse o antigo ensino colegial e ele não dispunha de conhecimento na capital estadual nem de recursos financeiros suficientes para garantir a continuidade de seus estudos. Em sua terra natal, durante sete meses, editou o jornal mensal *Cruzeiros*.

Quanto à retomada de seus estudos depõe Wilson Dias Rodrigues (Apud. ALBUQUERQUE DO Ó, 1999: 19) que no início do ano letivo de 1942, Ruy Carneiro, então interventor estadual, convidou estudantes de todas as cidades do estado para uma confraternização em João Pessoa. Félix foi convidado para ser um dos cinco que iriam representando o Colégio Pio XI e, durante a ocasião, quando falaram vários políticos e estudantes, ele fez “um brilhante discurso que encantou a todos”. Na ocasião, conheceu o jovem Baldomiro Souto e o Padre Matias Freire, ambos militantes políticos na capital estadual. Essas novas amizades lhe entusiasmaram a transferir-se para a capital para estudar o clássico ou pré-universitário e também muito influíram no seu comportamento. Baldomiro era comunista e debatia com Félix o problema social e político do Estado e do país. Com ele, aprendeu as primeiras lições marxistas e se tornou grande amigo e confidente. Contudo, ainda em 1942, teve que abandonar os estudos em virtude do agravamento da doença do pai, que há quatro anos vinha enfermo.

No período em que acompanhou o pai em seu leito de morte, passou a produzir conhecimento, “onde já se mostravam evidentes os questionamentos no que diz respeito às questões econômicas e sociais. Os seus artigos imprimiam um cunho de rebeldia contra as injustiças praticadas pelos homens públicos, principalmente pelos políticos” (SYLVESTRE, 1982: 310).

---

<sup>2</sup> Durante o “07 de setembro” de 1933, com apenas 11 anos, Félix improvisou um discurso onde “a segurança no conteúdo e a oratória, fizeram com que o então diretor do colégio, o padre Odilon Pedrosa, rasgasse grandes elogios ao aluno, passando a partir dali a ser respeitado e comentado no meio estudantil” (ALBUQUERQUE DO Ó, 1999: 17). Em 1937, aos quinze anos, estudando no Pio XI, estreou na imprensa, escrevendo para o jornal campinense *A Voz da Borborema*, passando a conviver com a elite intelectual local. Em outubro de 1939, era um dos diretores da Academia Dom Adauto do Colégio Pio XI, quando, junto aos demais, promoveu o primeiro curso de jecistas (JEC – Juventude Estudantil Católica), sendo então na ocasião fundada a referida associação. Em 1940, aos 18 anos, escreveu TAMAR, poema em prosa, cuja primeira edição só seria publicado em 1945.

Observamos que de Cabaceiras, em 19 de março de 1942, Félix escreveu a Tancredo de Carvalho, dirigente do sucursal católico *A Imprensa*, em Campina Grande, cobrando a publicação de seus artigos naquele jornal<sup>3</sup>. Contudo, também detectamos em uma das várias cartas dirigidas a Tancredo, a seguinte solicitação por parte de Félix: “Recomende-me ao caro amigo CUNHA LIMA. Quero muito bem ao cronista dos ‘Escrevos’ e ao culto avô de Ivanise” (CARVALHO, 1975: 132). Não obstante, suas produções poéticas de 1942 e 1943 revelam perplexidade e conflitos de sofrimento, indicando a situação em que vivia. O lírico poeta havia sido conduzido aos caminhos da contestação.

Com o falecimento do seu genitor, a 29 de abril de 1942, Félix continuou em Cabaceiras até o ano seguinte, quando em uma situação inusitada retornou a capital paraibana. Trata-se do fato de que em 1943 a cidade de Cabaceiras preparou uma festa para receber o general José Pessoa<sup>4</sup>, um dos seus filhos “ilustres”. Na ocasião foram-lhe prestadas muitas homenagens e Félix foi escolhido para saudá-lo, proferindo um discurso que o impressionou. Após a homenagem o general conheceu o jovem e ficou a par de toda sua vida e constatando então que ele necessitava de apoio, providenciou um emprego em João Pessoa no jornal *A União*<sup>5</sup>. Contraditoriamente, vemos mais uma vez Félix se submetendo aos “homens públicos” a quem tanto criticava em seus escritos, ao mesmo tempo em que foi “presenteado” pelo dito general com um emprego no jornal oficial do governo estadual.

Dessa forma, com o apoio do general José Pessoa, reiniciou seus estudos no Liceu paraibano em 1943. Entretanto, em outubro desse mesmo ano interrompeu seus estudos para ingressar no exército brasileiro, passando a servir em Campina Grande. “Ali fez do dormitório um auditório para seus discursos marxistas” (ALBUQUERQUE DO Ó, 1999: 24).

Em junho do ano seguinte, apresentou-se como voluntário para ir lutar na frente de combate na Itália, durante a II Guerra Mundial, conseguindo embarcar em setembro de 1944. A sua curta estada na guerra contribuiu para o seu aprendizado em formação política e mobilização de massas, casando perfeitamente com suas convicções esquerdistas. Ali pôde observar a luta

---

<sup>3</sup> Constatamos que na juventude, Félix também publicava artigos no jornal católico *A Imprensa*. Porém, a partir de 1942, quando retornou de João Pessoa a sua terra natal, ao mesmo tempo em que mantinha amizade com o comunista pessoense Baldomiro Souto, começou a mudar suas posições políticas, o que foi suficiente para passar a ter impedido a publicação de seus artigos no dito jornal.

<sup>4</sup> Nascido na Paraíba, José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (1885-1959) pertencia a uma importante família de políticos. Era sobrinho de Epitácio Pessoa, presidente da República de 1919 a 1922, e irmão de João Pessoa, presidente da Paraíba de 1928 a 1930, cujo assassinato desencadeou a “Revolução” de 1930. Cf. Castro, 1994: 232.

<sup>5</sup> Discurso proferido na Câmara Municipal de Campina Grande, pelo vereador Artur Villarim, que se encontra publicado no jornal *O Rebate*, de 04 de outubro de 1953: 04.

entre as várias facções políticas: comunista, católica, socialista, nacional-socialista, social-democracia e conservadores, em busca de firmar uma liderança e ganhar o poder e apoio da população. Quanto a sua inclinação à postura comunista Oliveiros Cavalcanti Oliveira disse: “Félix teve contato com a resistência italiana que era do Partido e ele tinha uma imensa admiração pelo secretário-geral do Partido Comunista Italiano, o jornalista Palmiro Togliatti, foi quando ele adquiriu estas idéias mesmo (...)”<sup>6</sup>.

Durante a guerra pode observar de perto a organização e a atuação do Partido Comunista Italiano na resistência armada contra o nazifascismo, acompanhando o desenrolar das campanhas desenvolvidas por este partido para solucionar questões e necessidades imediatas do povo ou das ações que fortaleciam a causa do partido. Aprofundou seus conhecimentos na teoria marxista e na História e passou a discuti-las com propriedade no seu meio.

## **2. A “Redemocratização” de 1945: Militância Comunista ou Conflitos Pessoais/Profissionais?**

Quando regressou da Itália em 1945, Félix se fixou em Campina Grande, incorporando-se ativamente à vida política e cultural da cidade, passando a ser um grande articulador na divulgação das idéias marxista-leninistas e a produzir textos sobre as injustiças e desigualdades socioeconômicas, “seu lirismo havia cedido lugar à concepção materialista” (SYLVESTRE, 1982: 312). Nesse contexto, iniciou sua carreira política junto aos comícios contra o Estado Novo, filiando-se ao PCB no propósito de optar por um parecer mais radical de transformações política e social.

Na Paraíba, ao lado de Cláudio Porto, Chico Lima, Baldomiro Souto, Geraldo Baracuhy, dentre outros, logo se destacou como ativo militante do PCB, saindo candidato a deputado federal para a constituinte de 1946 e obtendo votos em doze municípios paraibanos. Félix alcançou 727 sufrágios em Campina e 786 em todo Estado, ou seja, sua votação foi, relativamente, quase que exclusivamente em Campina Grande, onde sua influência pontificava ao nível do Centro Estudantal Campinense, restando apenas 59 votos para o resto do Estado. Vale ressaltar, como

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida ao autor, em 23 de novembro de 2005. Primeiro vereador comunista de Campina Grande, eleito em 1955. Ele foi candidato pela Coligação Social Trabalhista (composta pelo PSD e pelo PTB), pois o PCB ainda encontrava-se na ilegalidade, contudo era membro do Comitê Municipal do PCB e foi eleito com os votos do Partido. Depois de cumprir o mandato de vereador, passou a ser secretário geral da Câmara de Vereadores de Campina Grande, de onde se aposentou no início da década de 1990.

indicação das pressões políticas e religiosas exercidas sobre o eleitorado do interior, que em Cabaceiras, sua terra natal, Félix não obteve um voto sequer, conforme registros do TRE.

Sem o sucesso pretendido nesse pleito, Félix continuava a viver a preocupação de encontrar um emprego para manter-se. Enquanto não se realizaram as eleições locais, continuaram os municípios a serem administrados por interventores nomeados. Foi então designado como prefeito de Campina Grande Raimundo Viana de Macedo (UDN)<sup>7</sup>, que geriu a cidade de 06 de novembro de 1945 a 18 de fevereiro de 1946. Curiosamente, detectamos que nesse curto período o prefeito resolveu nomear Félix Araújo para exercer, interinamente, o cargo de Escriturário da classe E<sup>8</sup>.

Em 18 de fevereiro de 1946, Severino Gomes Procópio foi reconduzido à condição de interventor de Campina, só ocupando o cargo três dias depois. Nesse curto período o secretário Antônio Tancredo de Carvalho ocupou a cadeira de prefeito e como o poeta era seu amigo, ofereceu-lhe um cargo de maior importância que o de Escriturário. Designou-o para exercer a função de Fiscal de Arrecadação de Impostos nos Mercados, Feiras e Matadouros, incluindo também os Distritos<sup>9</sup>. No dia 17 de junho de 1946, aniversário de Dr. Tancredo de Carvalho, Félix representando os demais funcionários da prefeitura, falou prestando-lhe uma homenagem, que segundo o aniversariante “o bellissimo discurso (...) comoveu-me até as lágrimas” (CARVALHO, 1975: 130).

Tudo aquilo não foi suficiente para deixá-lo naquele emprego, pois os membros do PCB começaram a sofrer com as perseguições e opressões, que se mostravam presentes. Nesse sentido, o comandante da guarnição militar do 40º Batalhão de Caçadores, sediado em Campina Grande, solicitou do interventor Severino Gomes Procópio a demissão de Félix, alegando a sua condição de comunista. No dia 28 de junho, nove dias depois da homenagem ao secretário, o prefeito exonerou-o sem justa causa, conforme podemos observar na Portaria de Nº 185 que se encontra nos Arquivos da Prefeitura Municipal.

Essas pretensões de Félix aos empregos oferecidos pelos interventores municipais também não são mencionadas pelos traços biográficos analisados e nos deixam espantados por

---

<sup>7</sup> A queda de Vargas (29/10/1945) implicou na saída de Ruy Carneiro da interventoria do Estado. Como consequência os udenistas assumiram o governo estadual e em Campina Grande Severino Gomes Procópio deixou a prefeitura e Raimundo Viana de Macedo assumiu.

<sup>8</sup> Essa nomeação foi efetivada pela portaria de Nº 171, 02 jan. 1946, que se encontra no Arquivo da Prefeitura Municipal.

<sup>9</sup> Essa nomeação foi efetivada pela portaria de Nº 171, 20 fev. 1946, que se encontra no Arquivo da Prefeitura Municipal.

configurarem uma contradição para um personagem que se dizia comunista, ainda mais que tais nomeações se deram no calor da “redemocratização”, parecendo-nos mais um processo de tentativa de cooptação de um líder popular.

Passado o pleito presidencial de 1945, as atenções políticas na Paraíba voltaram-se para as eleições de janeiro de 1947, que tinha por finalidade eleger o governador do Estado e os deputados estaduais. Mais uma vez Félix foi indicado pelo PCB, junto a outros militantes paraibanos, para concorrer a uma vaga na Assembléia Legislativa. Apesar de ter obtido uma votação maior que a da eleição anterior, alcançando, inclusive, votos em outros tantos municípios, Félix conseguiu apenas ser o segundo candidato pecebista mais votado no Estado, impetrando a primeira suplência na Assembléia Legislativa. O militante pecebista Francisco Lima, em depoimento a Albuquerque do Ó, depôs que “ele saiu da campanha bastante combalido, pois a derrota o marcou profundamente” (1999: 32).

Os resultados nos mostram que, apesar de sua intensa atividade política e liderança, Félix não obteve grandes votações nas eleições disputadas sob a legenda do PCB, o que muito possivelmente tenha contribuído para seu desencanto político com o PCB e seu futuro desligamento dessa agremiação.

Nessa atmosfera de derrota eleitoral, três dias depois das eleições estaduais, Félix contraiu casamento religioso no dia 22 de janeiro de 1947, na Catedral de Nossa Senhora da Conceição em Campina Grande. O seu casamento não deixa de ser visto como outra contradição, pois não seria atitude comum do Félix representado como marxista. Entretanto, a respeito do casamento do militante, Oliveiros Cavalcanti de Oliveira diz o seguinte:

*Quanto ao casamento de Félix na Igreja, eu acho o seguinte: Não casar seria um ato sectário ideológico, separando o líder do povo, porque o povo é religioso. Quer dizer, o Partido como organização de povo não pode de forma alguma colocar um de seus membros contra o pensamento e a prática de quase 100% do povo. A religião criticava o Partido, a ideologia, por ser materialista, mas isso não é motivo para a separação total. O indivíduo que assim procedesse teria que procurar uma moça materialista, que não fizesse questão de casar, o que restringiria muito a liberdade de escolha do cidadão.<sup>10</sup>*

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida ao autor em 23 de novembro de 2005.

Observando por esta ótica o casamento de Félix estaria assim explicado. Contudo, o que nos chama a atenção é o fato de que um de seus padrinhos foi o casal Inalda e Aluísio Campos<sup>11</sup>, conforme registro iconográfico levantado por nós, o que pode parecer estranho já que o padrinho era membro integrante UDN. Quanto a sua postura política ideológica Oliveiros Oliveira relatou: “Eu tive uma vez a oportunidade de tratar com Félix o problema teórico. (...) Félix não era marxista, ele mesmo dizia: “Eu admito a reforma econômica, eu defendo a reforma econômica, mas não defendo o pensamento filosófico de Marx.”<sup>12</sup>

Quanto a sua postura religiosa a viúva de Félix menciona que ele “Era Católico Apostólico Romano. Inclusive, chegou a conhecer o Papa Pio XII. Mesmo sendo comunista, nunca escreveu nada contra a Igreja” (Apud. DINOÁ, 1993: 189).

Evidenciamos também, que na sua produção literária há a ausência de textos marxistas, conforme o próprio Baldomiro Souto, prefaciando TAMAR, expressou-se “(...) O autor não fez obra de combate social” (Apud. LIMA, 1992: 21), o que não deixa de causar espanto já que possuía pendores literários.

Sylvestre (1982) descreve que, depois destas eleições, ele chegou a solicitar junto ao deputado federal José Joffily (PSD), uma colocação na esfera federal, se servindo da interferência do pessedista campinense Severino Cabral junto àquele, entretanto, o deputado não conseguiu graças à marca de “comunista” que era associada ao poeta. Restou então a Félix recorrer, mais uma vez, à esfera municipal.

Como a eleição municipal só seria realizada em 12 de outubro do corrente, continuava Campina a ser administrada por interventores nomeados e quando faltavam três dias para Antônio Luiz Coutinho deixar o cargo de prefeito (11/10/1946 – 06/03/1947), Félix foi, curiosamente, readmitido na mesma função que ocupara anteriormente. E mais ainda, no dia 12 de março de 1947 foi designado para auxiliar na Carteira de Décima Urbana, passando a trabalhar com Aauto Travassos Moura. Novamente o Comandante do Exército exigiu do interventor, Antônio Luiz Coutinho, a demissão de Félix, alegando ser o mesmo um militante comunista, que em resposta o interventor argumentou, segundo depoimento de seu filho João Manoel Montenegro Coutinho, que: “Há uma circular do Ministério da Guerra para que se dê amparo aos expedicionários, como

---

<sup>11</sup> Com a “redemocratização” de 1945 Aluísio Afonso Campos se filiou a UDN, integrando a ala da esquerda democrática. Depois das eleições municipais de 1947, fundou a seção paraibana do Partido Socialista Brasileiro (PSB). Cf. Campos, 1999: 53.

<sup>12</sup> Entrevista concedida ao autor em 23 de novembro de 2005.

posso eu negar este apoio? É um homem pobre que precisa trabalhar e o senhor me pede isto? Se o senhor tiver sugestão melhor, me dê para que eu possa executá-la” (Apud. ALBUQUERQUE DO Ó, 1999: 37-38). O comandante ficou calado e Félix Araújo continuou no emprego.

Decretada a ilegalidade do PCB pelo TSE, em 07 de maio de 1947, e tendo em vista as eleições para prefeitos e vereadores em todos os municípios brasileiros, a realizarem-se em 12 de outubro de 1947, os militantes comunistas brasileiros procuraram guarida nas legendas legalmente reconhecidas para que assim pudessem concorrer aos processos eleitorais. Assim, em Campina Grande os pecebistas apoiaram a candidatura da Coligação Democrática Campinense<sup>13</sup>, que tinha como candidato a prefeito o médico Elpídio de Almeida. Albuquerque do Ó analisa que Félix se engajou na campanha elpidista por vocação e por necessidade, conforme segue:

*Sua participação naquele momento apareceu como uma oportunidade de emprego, uma vez que o preconceito era grande, que se tinha na cidade contra os comunistas, principalmente contra ele que tinha liderado greves e enfrentado a polícia várias vezes. Ele era um dos mais visados porque era intelectual e excelente orador, além de sempre comandar a massa campinense nas movimentações de ruas (ALBUQUERQUE DO Ó, 1999: 57).*

Merece aqui também ser destacado na citação acima o quanto os comunistas, naquele momento, eram atingidos pelo preconceito da sociedade campinense. Evidencia-se que eles eram encarados como uma espécie de pária da sociedade, uma vez que lhes eram negados todos os direitos de convívio social, o que os tornavam, portanto, excluídos da sociedade. Devemos considerar que essa imagem, expressada constantemente pelos vários agentes anticomunistas, penetrou profundamente no inconsciente coletivo e foi refletida muitas vezes quando se referiam a Félix Araújo.

Não obstante, o clima de “redemocratização” em que se vivia despertava o entusiasmo das massas populares campinense, que viam a possibilidade de participarem mais ativamente de um processo político eleitoral. Observando essa atmosfera, Félix, que tinha grande penetração popular, soube catalisar este desejo do povo para conseguir seu objetivo de afirmar-se

---

<sup>13</sup> A coligação, orientada por José Joffily e Vergniaud Wanderley, contou ainda com o apoio do PSB, do PTB e do PRP, partidos políticos com pouca expressão, além dos comunistas locais. Essa aliança foi resultado da dissidência da ala udenista de José Américo em oposição à de Argemiro Figueiredo que lançou a candidatura a prefeito do major fazendeiro Veneziano Vital do Rego. A união destes dois políticos na “redemocratização” de 1945, sob a legenda da UDN, só foi possível por nenhum dos dois admitir ser liderado pelo então interventor Ruy Carneiro, ficando ambos no âmbito de um mesmo partido com suas respectivas alas. Cf. Sylvestre, 1982: 100.

politicamente em Campina Grande, passando a investir profundamente na campanha da Coligação.

Francisco Lima, companheiro de luta junto a Félix, disse que aquele pleito preparou-lhe um novo caminho de vida. Ainda disse que a sua grande importância naquela eleição o fazia ir constantemente à casa de Elpídio e que:

*Certo dia encontrei-me com Félix e após um breve diálogo convidou-me para ir a residência de Dr. Elpídio. Chegando lá, Félix do portão gritou “Adalgiiiiisa!” E Dona Adalgisa veio alegre e sorridente, cumprimentou-me com um aperto de mão e deu um fraterno abraço nele. Vendo aquele tratamento pensei: “Perdi um camarada” (Apud. ALBUQUERQUE DO Ó, 1999: 58).*

Não se podia entender de forma diferente, pois os preconceitos e restrições existentes entre os esquerdistas contra todos aqueles que representavam forças de repressão eram observados com extremo rigor. Aquela intimidade era inaceitável e representava a aproximação que Félix tomava à Elpídio de Almeida, assim como o início da conseqüente distância aos militantes comunistas. Sylvestre diz que ele “superou os estigmas da pobreza e da acusação de comunista e se impôs aos próceres da Coligação como peça insubstituível na engrenagem daquela luta gigantesca” (1982: 117).

Concluído o pleito, o prefeito eleito Elpídio de Almeida fez de Félix seu representante político e o designou, em 05 de dezembro de 1947, chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Vereadores, mas exigiu que ele deixasse o Partido Comunista, decisão não muito fácil de ser executada, uma vez que os laços de amizade e respeito que os comunistas tinham com ele eram fortes. A situação proposta pelo prefeito eleito deixou Félix sob forte pressão, o que fez com que ele aceitasse o emprego e passasse a se distanciar paulatinamente da legenda pecebista. Pensamos que um emprego e uma família para criar falaram mais alto e, portanto, foram responsáveis pelo seu afastamento do quadro pecebista. Depois passou a ser assistente técnico da Secretaria de Educação do Município, até que o prefeito eleito indicou-o para ocupar a chefia daquela secretaria. Ao longo da gestão de Elpídio, Félix foi o personagem de grande importância no município. Segundo Sylvestre (1982: 113) “(...) assessor supervalioso para o Dr. Elpídio, verdadeira sombra do prefeito campinense (...), continuou até o fim como seu amigo e confidente”.

### 3. Biografias que “Falam”: Representações Anticomunistas

Ainda considerando com fonte algumas narrativas que se detiveram a biografar Félix Araújo, percebemos outros pontos de preocupações que os respectivos autores tiveram em representá-lo, cujo fim seria uma contribuição para a cristalização de um determinado imaginário coletivo da sociedade paraibana.

O sociólogo Rômulo Araújo Lima proferiu uma conferência na Câmara de vereadores de Campina Grande<sup>14</sup>, no dia 27 de julho de 1991, por ocasião do 38º aniversário de morte de Félix Araújo, cuja publicação no ano seguinte recebeu o título “Liberdade e Radicalidade Democrática em Félix Araújo”. Esta análise estabelece que o biografado foi “quem primeiro teorizou e, de forma absolutamente conseqüente, levou à prática na Paraíba uma política de frente democrática que, em última análise, foi a razão maior de seu rompimento com o sectarismo dogmático e caolho dos stalinistas de então” (1992: 19). O autor pretendeu, através dos escritos de Félix, investigar essa opção democrática, assim como apresentá-la como sendo responsável pelo seu rompimento com os comunistas.

Rômulo Araújo Lima apresenta Félix como um pensador social que no período da “redemocratização” se aproximou dos comunistas e filiou-se ao PCB apenas por estes serem os arautos da luta da liberdade naquele momento. “Embora cristão, e talvez por isto mesmo, Félix busca prestar sua colaboração para fazer retornar o país ao leito das liberdades” (Idem: 22). Aqui percebemos que o sociólogo procura isentar o biografado de qualquer aproximação possível com os princípios do comunismo, o que consideramos uma generalização inconsistente, pois, por mais que encontremos pontos de observação para não o apreciarmos como um militante marxista, não podemos deixar de considerar que seus contatos, primeiro, com o militante comunista pessoense Baldomiro Souto e depois com a situação italiana, durante a II Guerra, influenciaram de certa maneira a sua postura política.

Lima ao longo de toda análise procura apresentar suportes que sustentem a confirmação de que Félix era apenas um “democrata”, que teria se desiludido com as orientações que foram impostas ao PCB, depois de decretada a ilegalidade, quando então passou a adotar uma postura política dogmática e sectária, e que por esta razão preferiu abandonar as fileiras comunistas. “No

---

<sup>14</sup> A Câmara de Vereadores de Campina Grande tem por denominação “Casa de Félix Araújo” e na ocasião desta Conferência Félix de Araújo Filho era o presidente da mesa legislativa.

Brasil, o que havia de fértil e inteligente no pensamento comunista foi afastado e, como não poderia deixar de ser, Félix, também afastou-se. Preferia fazer política a obedecer cegamente ordens de quem não levava em consideração as condições reais da sociedade campinense e paraibana” (Idem: 28).

Ainda sobre sua saída dos quadros do PCB, Sylvestre (1982: 314), traçando seu perfil biográfico, descreve: “Refletindo maduramente sobre o choque entre os ensinamentos da filosofia marxista-leninista e sua formação profundamente cristã, além de uma irresistível vocação literária e democrática que conduzia, Felix resolveu livrar-se das correntes de ferro que lhe eram impostas pela disciplina do PCB, e desligou-se do partido, oficialmente, no dia 04 de outubro de 1948”.

Pela análise pretendida por nós anteriormente sobre Félix, observamos que fatores de várias ordens pesaram para que ele passasse a adotar um posicionamento político contrário aos princípios do PCB, sendo, portanto, simplório considerarmos qualquer ponto de vista generalizado sobre tal decisão.

Moacyr Andrade escreveu a biografia intitulada “Félix Araújo: Mártir do Dever e da Coragem”, onde percebemos a ausência completa de qualquer aproximação política do biografado com o comunismo no período da “redemocratização”, escrevendo o autor que: “Félix começou sua carreira política aqui em Campina Grande pelo primeiro degrau, isto é, como vereador pelo Partido Libertador. Período de 1951 a 1955” (2003: 31). A única menção ao momento pré-“redemocratização” que se é feita no citado estudo é quando o autor se refere à amizade que unia Félix a Baldomiro Souto, não obstante observamos que ele se esquivou ao máximo de fazer maiores comentários sobre as posições político-ideológicas do segundo.

Esses pontos de observação quanto ao posicionamento de Lima, Sylvestre e Andrade, que se esforçam em criar um discurso de mártir para Félix, enquanto “líder democrata”, nos deixam pistas de que para este ser mais efetivo se faz interessante liberar o biografado de qualquer aproximação ideológica possível do comunismo. E esta incumbência de livrá-lo da alcunha de ser comunista reflete a representação que existe, e que se é remetida ao período em estudo, no imaginário da sociedade paraibana do que se entende por comunismo, além de evidenciar a preocupação dos autores em constituir uma determinada memória coletiva sobre o biografado, como bem deixou claro Andrade “Eu sempre procuro fazer vivo Félix, e, para mim, não me enfado de tirar Félix do olvido, para que as novas gerações saibam quem foi este jovem idealista” (2003: 64).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE DO Ó, Alcides de. **Campina Grande: História & Política (1945-1955)**. Campina Grande: Edições Caravela/NCP, 1999.

ANDRADE, Moacyr. **Félix Araújo: Mártir do Dever e da Coragem**. Campina Grande: RG Editora e Gráfica, 3ª ed., 2003.

CAMPOS, Aluízio Afonso. **Relógio do Tempo – Memórias**. João Pessoa: Edições Empório dos Livros, 1999.

CASTRO, Celso. Inventando Tradições no Exército brasileiro: José Pessoa e a Reforma da Escola Militar. **Revista de Estudos Históricos** - Comemorações. Rio de Janeiro, vol. 7, n.14, 1994, p. 231-240. Disponível em [www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br).

CARVALHO, Tancredo de. **Memórias de um Brejeiro**. João Pessoa: Gráfica Júlio Costa, 1975.

DINOÁ, Ronaldo. **Memórias de Campina Grande**. João Pessoa: A União, 2º Volume, 1993.

LIMA, Rômulo de Araújo. **Liberdade e Radicalidade Democrática em Félix Araújo**. Campina Grande: Gráfica Offset Marcone, 1992.

SYLVESTRE, Josué. **Lutas de Vida e de Morte: Fatos e Personagens da História de Campina Grande (1945/1953)**. Brasília: Senado Federal, 1982.

## FONTES DOCUMENTAIS

### Arquivo da Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB

Portaria de N° 171, 02 jan. 1946.

Portaria de N° 171, 20 fev. 1946.

Portaria de N° 185, 28 jun. 1946.

Portaria de N° 171, 03 mar. 1947.

### Arquivo do Museu Histórico de Campina Grande-PB

Jornal *O Rebate*, de 04 de outubro de 1953, p. 04.

### Arquivo do Tribunal Regional Eleitoral-PB

Resultado das Eleições de 1945 e 1947.

## DEPOIMENTO ORAL

OLIVEIRA, Oliveiros Cavalcanti. Funcionário público aposentado: 80 anos, 23 de novembro de 2005.